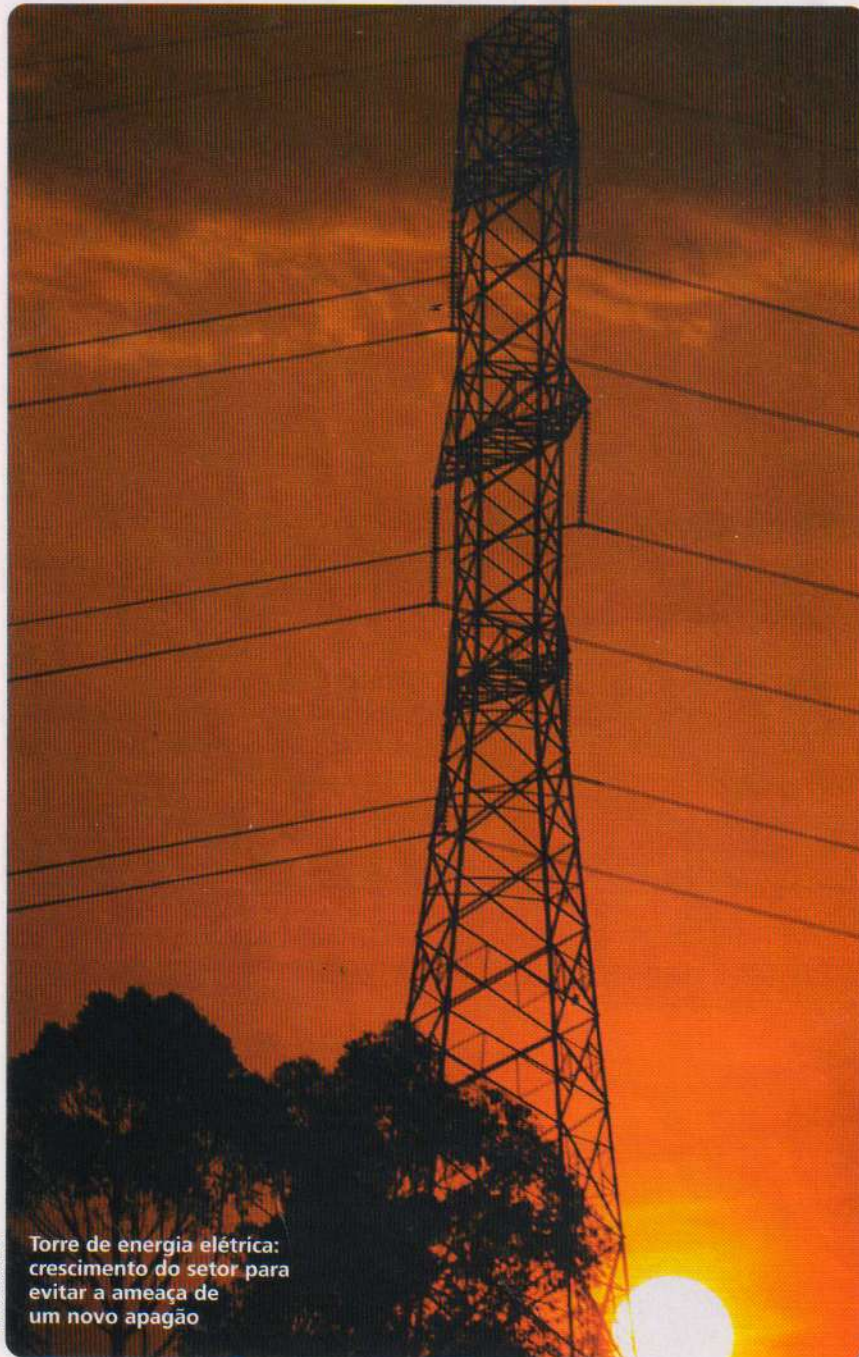




POR UM PAÍS MAIS ILUMINADO



LIA LUBAMIRO

Torre de energia elétrica: crescimento do setor para evitar a ameaça de um novo apagão

O GOVERNO PRETENDE LEVAR LUZ ELÉTRICA A TODAS AS CASAS ATÉ 2008. ESSA É UMA PROVA DE QUE O SETOR DE ENERGIA SÓ PODE DAR CERTO

Aos poucos o Brasil vai ficando todo iluminado. Pelo menos essa é a intenção do governo federal com o programa Luz para Todos. De acordo com o Ministério de Minas e Energia, a boa notícia é que até 2008 cerca de 12 milhões de brasileiros terão luz elétrica em casa. Assim como vem ocorrendo há alguns anos, desde o início da privatização de empresas de energia elétrica, o setor cresceu e abriu oportunidades que até então não existiam.

Primeiro fez com que as concessionárias de energia passassem a melhorar a qualidade dos serviços oferecidos. Para isso investiram em novas técnicas para solucionar problemas relacionados com a operação do sistema nacional, da geração à operação. Depois promoveu o desenvolvimento em locais que viviam às escuras.

DA GERAÇÃO À DISTRIBUIÇÃO

Diante desse cenário, o mercado de trabalho se movimentou bastante, e o engenheiro elétrico ganhou mais evidência. As concessio-

nárias de energia necessitam continuamente de profissionais que entendam de energia para operar sistemas elétricos, desde à geração até a distribuição de energia. Ou ainda que atuem na construção de usinas e estações e na manutenção de redes de alta-tensão.

Outro ramo que tem despertado muita atenção é o de microeletrônica. Empresas de componentes eletrônicos, como a Motorola, a Ericsson e a Siemens, costumam solicitar o engenheiro elétrico para desenvolver componentes e acompanhar sua produção, como os pequenos chips eletrônicos.

CONCORRÊNCIA ACIRRADA

Mercado aquecido por um lado, concorrência grande por outro. Portanto, a melhor maneira de se encaixar numa companhia é participando dos programas de estágio ou trainee (veja uma reportagem sobre este assunto na pág. 80).

Foi assim que o engenheiro elétrico Newton José Leme Duarte colocou seu pé na Siemens, há 25 anos. “Fiz um período de estágio e, depois

Tenho certeza de que começar como estagiário é a melhor saída para o engenheiro elétrico. Ele ganha uma visibilidade diferente daquele que entra na empresa somente depois de formado”



NEWTON JOSÉ L. DUARTE
Engenheiro elétrico da
Siemens há 25 anos

de formado, fui efetivado na empresa. Comecei a participar de projetos importantes, que me ajudaram a crescer muito na carreira”, explica Duarte. Entre esses projetos, está a instalação da usina hidrelétrica de Itaipu. “Tenho certeza de que iniciar como estagiário é a melhor saída para o engenheiro elétrico. O aluno ganha uma visibilidade diferente daquele que consegue a vaga depois de formado, e isso ajuda muito na carreira”, completa.

SEM FUGIR DA MATEMÁTICA

Para fazer esse curso é preciso gostar muito de cálculos. Os números aparecem já nas disciplinas do primeiro ano e se estendem até o quinto. Não há como fugir. Por isso, se você não tiver habilidade com

números, parta para outra. “Essa é a base necessária para que as demais disciplinas possam ser desenvolvidas durante o curso”, explica o professor Paulo Cugnasca, da coordenação do curso da Universidade de São Paulo (USP).

Nesse caso, é bom se preparar para enfrentar um currículo cheio de aulas de matemática, álgebra, estatística, física, química, economia e administração, entre outras. Nas disciplinas profissionalizantes, são estudados projetos de sistemas eletroeletrônicos, sistemas digitais e de controle, eletromagnetismo e bioengenharia, entre outros. “Antes de colocar a mão no diploma, no entanto, o aluno precisa fazer um estágio obrigatório”, avisa o professor Cugnasca.

Mapa do emprego



- Sudeste: todos os estados
- Sul: todos os estados
- Nordeste: Bahia, Rio Grande do Norte e Alagoas

Curso

CINCO OPÇÕES DE FORMAÇÃO

Apesar de possuírem grade curricular semelhante, os cursos de engenharia elétrica têm estruturas diferentes em diversas faculdades. Algumas oferecem habilitações específicas, como automação, eletrônica ou energia. Um exemplo é a USP. Lá, o interessado presta um vestibular para engenharia. “No primeiro ano, ele faz um ciclo básico e único para todos os alunos. Sua escolha só ocorrerá no segundo ano”, expli-

ca o professor Paulo Cugnasca, da coordenação do curso.

Feita sua opção em elétrica, o aluno passa o segundo ano terminando seu ciclo básico e iniciando a parte mais específica do curso. E no terceiro deve optar novamente. Dessa vez em subáreas dentro da engenharia elétrica. Pode ser automação, telecomunicações, computação, sistemas eletrônicos ou energia e automação.